

nos primeiros tempos da História, que o homem da planície era geralmente pacífico, e se entregava ao comércio. Sendo assim, a língua do homem da planície vivia constantemente em atrito com a língua doutros povos com os quais se comerceava, e da variedade de produtos de importação, resultaria certamente a importação implícita dos termos que designavam os mesmos produtos. Com o homem da montanha sucedia de maneira diferente. Este entregava-se geralmente à guerra, à pilhagem, e vivia isolado; quando não se entregava a essa necessidade, pastoreava os gados. Daí a sua língua ser mais conservadora, menos evolutiva. Júlio de Castilho afirma nos seus escritos, ao falar-nos do Caramulo, que ali se encontra tôda a riqueza clássica do nosso vocabulário, que ali se manteve inalterado através dos tempos, e que se um dia se perdessem os documentos da língua, seria ali que a encontraríamos sã, rica, como nos livros dos nossos clássicos. Não nego que em parte assim seja, à parte os exageros literários do clássico.

Ao lado das montanhas, os rios também se portam como fronteiras linguísticas, e tanto as primeiras como os segundos são afinal reflexo de fronteiras políticas. Os grandes rios serviam de linhas de defesa entre povoações de margens opostas; e era tal a oposição que entre êsses núcleos populacionais existia que vamos encontrar nas próprias palavras *rival* e *rivalidade* a existência do desentendimento entre as margens do rio.

Os encontros homonímicos de que fala Gilliéron, resultam de falta de recursos da língua, que se vê obrigada a designar por um mesmo nome uma variedade grande de objectos. Isso acontece sobretudo nos centros que mais isolados vivem do convívio externo, e onde o progresso lento da indústria, sobretudo, se nota pela designação dos objectos e dos instrumentos nela utilizados. Dêste modo a homonímia nos centros linguísticos pobres é resultante de um metaforismo, muitas vezes rudimentar, baseado sobre as leis da analogia. Nestes pequenos núcleos, onde a civilização chega muito lentamente, a linguagem é sobretudo concreta e quasi nada abstracta, e o seu vocabulário é o de todos os dias, limitado pelo âmbito social em que o homem vive. Podemos talvez afirmar que, em grande parte, a homonímia se baseia aqui, sobre-

tudo, nas palavras que designam os elementos geográficos do meio, especialmente da fauna e da flora. E' que, quanto menos civilizado é o homem, tanto maior a terra de que êle vive, lhe imprime directrizes e normas de conduta.

Em conclusão: dêste ponto de vista podemos afirmar que a variação do meio geográfico é um grande elemento da diferenciação da linguagem, quanto ao aspecto semântico. Mais tarde, quando entrarmos propriamente no âmbito da Semântica, veremos até que ponto esta conclusão nos parece verdadeira.

Apontemos, porém, que o isolamento nunca é completo e que se nota sempre, mesmo nos pontos mais retirados da civilização, certa permeabilidade a influências externas e irradiações. Assim, várias regiões apresentam certos pontos de contacto, certas afinidades, e constituem assim as chamadas áreas vocabulares, em que se nota certo predomínio da forma, (apontada por Gilliéron), mas ligeiras, e às vezes profundas diferenças fonéticas».

Do agrupamento das chamadas áreas resulta a língua dum País, e esta a distanciar-se das línguas doutros países, em virtude das fronteiras políticas estabelecidas, que não só dificultam o intercâmbio, como põem sob salvaguarda a linguagem nacional. Não contando a influência expurgadora dos gramáticos e dos puristas, e a influência benéfica das escolas.

Mas, dentro das áreas linguísticas dum País, caracterizadas por fenómenos especiais, resulta às vezes a coexistência do mesmo fenómeno, como tive ocasião de verificar. Isto explica-se por flutuações dos núcleos populacionais, que se observam desde os tempos mais remotos até aos nossos dias com características diferentes, bem entendido. E' a essas flutuações de núcleos que se deve a importação e a exportação dos fenómenos linguísticos, os quais constituem o primeiro passo para a uniformização das línguas. Mais tarde, quando encarmos o estudo da linguística pelo aspecto social, desenvolveremos estas concepções.

O segundo passo para a uniformização da língua é criado pelo sentimento de nacionalidade, que faz irradiar dum organismo central processos de instrução e cultura que estreitam cada vez mais as áreas linguísticas. Cabe às escolas, sobretudo, o